

Nave central do palacio de cristal portuense

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

Houve tempo em que Portugal, tomando a dianteira a todos os povos no caminho da civilisação, enchia de assombro o universo pela ousadia dos seus commettimentos, e pelo esforço e perseverança com que os levava a cabo. E taes foram algumas d'essas emprezas que maior fama lhe grangearam, que não obstante ser a historia d'este reino, desde o seu berço nos plainos de Ourique, um acto continuo de arrojo e de heroicidade, a quasi todos os portuguezes pareceram, ainda além de temerarias, impossiveis e fóra do alcance humano.

Quando se annunciou que Vasco da Gama ia com tres frageis lenhos dobrar o Cabo das Tormentas, que as narrações dos navegantes e a credulidade popular semeavam de perigos e de mysterios, e povoavam de phantasmas, só não se assombraram do atrevimento os que zombaram do illustre nauta, tomando o seu valor e arrojo á conta de louca e ridicula presumpção. Porém de tudo e de todos saiu victorioso o descobridor da carreira da India; e a sua victoria foi a iniciadora de uma nova era de prosperidade e de civilisação para todo o mundo, e de engrandecimento e gloria para Portugal.

Tem muita paridade com este grande feito, ainda que a similhança não resalte da primeira intuição, o successo da exposição internacional portugueza.

Quando no dia 7 de julho de 1864, reunidos os accionistas do palacio de cristal portuense no edificio da Bolsa da cidade do Porto, levantaram a sua voz dois patriotas para enunciar e sustentar a idéa de uma exposição internacional portugueza, todo o paiz mofou de uma tal idéa, como de uma utopia, ou, ainda peior, como de devaneios de imaginações febricitantes.

Todavia, tão repassadas de fé e de enthusiasmo foram as palavras dos dois propugnadores d'aquelle pensamento, que, inoculando o seu ardor e convicções em todo o auditorio, alcançaram dos seus consocios a approvação do projecto, e a auctorisação para tratarem de lhe dar realidade.

Então a mofa converteu-se em espanto, e a este succederam as opposições. E, na verdade, quem não pasmaria diante de uma tal tentativa, medindo toda a grandeza d'ella e a exiguidade dos nossos recursos? Que audacia tamanha não era essa, pretender que esta estreita leira de terra dos confins da Europa, feita reino independente á custa de immenso esforço e coragem, fosse tomar o passo em uma empreza civilisadora a tantas nações poderosas e florecentissimas em todos os progressos humanitarios!

Erigir um templo consagrado á industria, e querer solemnisar-lhe a inauguração com uma d'essas festas grandiosas do trabalho, que as duas nações mais cultas da Europa instituiram como personificação do desenvolvimento intellectual e industrial do presente seculo!

Propor-se Portugal a realisar em sua honra um feito que constitue de per si uma grande gloria, que tão sómente refulge nos annaes modernos da Gran-Bretanha, da França e dos Estados Unidos! Propor-se ao que ainda se não atreveu alguma outra nação, além das tres mencionadas; nem a propria Allemanha, apesar de possuir para o effeito tantas condições vantajosas na vastidão do seu territorio; n'essa feliz situação geographica, que a faz coração da Europa; na multidão dos seus habitantes; no extraordinario desenvolvimento da sua industria; na extensa rede de caminhos de ferro que liga em intimas relações não sómente todos os seus grandes centros productores e populosos, mas tambem os diversos estados em que se divide, com quasi todas as potencias européas; e, finalmente, na riqueza e poderio dos seus dois principaes estados!

Abalançar-se, pois, a uma tal empreza um paiz que ainda ha pouco começou a cicatrizar as feridas abertas por guerras estrangeiras e discordias intestinas, que no decurso de meio seculo lhe arruinaram a fazenda publica, estagnando-lhe ao mesmo tempo todas as suas fontes de riqueza, desatando ou afrouxando muitos laços sociaes, e amortecendo ou entibiando em quasi todos os peitos o amor da patria; abalançar-se, portanto, a uma tal empreza, repetimos, era uma inaudita temeridade, segundo os juizos menos severos.

Após estas considerações vinha naturalmente uma apprehensão sinistra e grave, porque dizia respeito á quebra do decoro nacional. Appellaria em vão Portugal para os industriaes de todo o mundo? Desdenhariam as nações poderosas acceitar o convite do pequeno e empobrecido reino, ainda ha meia duzia de annos tão desconsiderado e calumniado no estrangeiro, que toda a Europa parecia disposta a esquecel-o e desprezal-o? Enfeitar-se-hia em vão Portugal com as suas melhores galas para celebrar a grande festa do trabalho universal; abriria debalde com apparatosa solemnidade as portas do seu palacio de cristal aos productos da industria de todos os povos?

Já se vê, por conseguinte, que não faltava fundamento para o espanto de uns e para as apprehensões de outros. E quem souber como em nossa terra se levantam obstaculos contra quaesquer reformas ou innovações, por mais uteis que as tenha demonstrado a experiencia alheia, poderá julgar das difficuldades que se ergueriam sobre tão justificada base.

Foram immensas, com effeito; immensas em numero e no vulto. Surgiam de toda a parte, variando sempre de fórmas. E tanto se multiplicaram e cresceram, que até muitos dos que tinham abraçado com mais espontaneidade o pensamento da exposição, começaram a esmorecer e vacillar, não sómente no seu esforço, mas tambem nas suas proprias convicções. Assim vieram a achar-se quasi sós em campo os dois auctores da idéa inicial, a quem cumpria realisal-a como membros da direcção do palacio de cristal, e conjunctamente com os outros seus collegas.

Cabe aqui escrever os nomes d'estes dois illustres filhos da cidade que se gloria de ter servido de berço á liberdade dos portuguezes. Os srs. Antonio Ferreira Braga e Alfredo Allen são os dois patriotas que conceberam aquella idéa civilisadora; que, como paes extremosos, a acalentaram, fazendo-lhe tomar corpo e robustez; e, como athletas, a levaram ao capitolio, onde assistiram ao seu triumpho.

Foram admiraveis e dignas dos tempos heroicos de Portugal a coragem e perseverança com que luctaram até ao dia da victoria; não havendo razões que lhes entibiassem a fé, nem contrariedades que lhes arrefecessem o enthusiasmo, nem difficuldades e opposições que lhes quebrantassem o animo. Encontraram, é verdade, algumas pessoas, a cuja frente figura o sr. conde de Castro, actualmente ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros e das obras publicas, que, compenetrando-se da elevação e utilidade da idéa, prestaram-lhes efficaz apoio, facilitando-lhes o indispensavel auxilio dos poderes publicos. Mas, ainda assim, precisaram de todo o zêlo do seu patriotismo e de toda a energia do seu esforço, no que foram secundados pelos outros membros da direcção da sociedade, para debellar os ultimos obstaculos e rematar a obra grandiosa a que metteram hombros.

Deus abençoára o pensamento e as fadigas dos que tanto se haviam empenhado em honrar e engrandecer a patria, em ennobrecer e glorificar com pompas e premios o trabalho, que é na terra o crisol onde se apuram as virtudes que os anjos coroam no ceo.

O dia 18 de setembro de 1865, aprazado para a abertura solemne da exposição internacional portugueza, alvoreceu, em fim, e com tal brilho e formosura, como se a natureza quizesse augmentar com os seus esplendores e alegrias o apparato e galas da funcção. Dignaram-se tambem abrilhantal-a com as grandezas da corte e com a auctoridade de sua augusta presença, suas magestades el-rei o sr. D. Luiz I, a rainha sra. D. Maria Pia de Saboya, el-rei o sr. D. Fernando e sua alteza o serenissimo infante D. Augusto.

A entrada do prestito real no palacio foi uma scena magnifica, pelo effeito que apresentava aos olhos; soberba, pela valia e significação da festa que se cele-

brava; e pathetica, pelo muito que fazia pulsar de prazer e nobre orgulho os corações dos portuguezes que a presenciavam. E quando, depois dos discursos inauguraes da exposição, pronunciados pelo sr. Antonio Ferreira Braga, como presidente da direcção do palacio de cristal, e por el-rei o sr. D. Luiz I, os soberanos desceram do throno, e, seguidos de numerosas pessoas que acompanhavam o prestito real, passaram a visitar as naves, salas e galerias do palacio, e os outros edificios annexos, que então se patenteavam ao publico, a todos maravilhou o quadro geral da exposição. Quasi todas as nações civilisadas alli tinham enviado, em maior ou menor escala, os productos da sua industria; e algumas d'entre as mais cultas ahi tinham exhibido ampla e dignamente variadissimos documentos do seu progresso industrial.

Não se podia comparar a exposição internacional portugueza com as de Londres e de Paris, na grandeza e magestade do edificio, nem no numero dos expositores, nem na quantidade dos productos expostos, nem, finalmente, na riqueza de muitos d'elles. Mas, não obstante, os proprios individuos que visitaram essas exposições estrangeiras não recusaram o seu testimunho de admiração, vendo o modo por que se desempenhou Portugal da ardua e ousada empreza que a si tomára. Até aquelles que mais a tinham contrariado, pela convicção ou pelo receio de que ficassem compromettidas n'ella a honra e dignidade do paiz, franca e lealmente manifestavam a sua satisfação. E tão favoraveis noticias correram logo depois pela Europa ácerca da nossa exposição, que algumas nações, julgando-se menos dignamente representadas, do que tinham direito a sêl-o n'aquelle certamen do trabalho, enviaram numerosos productos passado tempo depois da abertura da exposição. A França e a Italia, que já alli ostentavam tantos e tão honrosos titulos dos seus progressos nas artes, ainda quizeram augmentar o seu catalogo, remettendo a primeira mui excellentes quadros a oleo, e a segunda 48 estatuas e bustos esculpidos em marmore de Carrara com muito primor.

Podêmos, portanto, dizer afoitamente, que esta exposição foi para Portugal um acontecimento economico e politico, relativamente aos tempos, de não menor transcendencia que o da descoberta da India.

Foi mui importante, considerado economicamente, pelas diversas vantagens que a industria nacional alli ha de certamente colher. Foi importantissimo pelo lado politico, porque nos deu consideração aos olhos do mundo. E quanto d'ella carecemos, não só para a nossa rehabilitação moral e sustentação da nossa autonomia, mas tambem para a continuação dos melhoramentos materiaes do paiz, que o digam as affrontas, desprezos e perigos por que passam as nações quando descem aos ultimos degraus na escada da sua decadencia; que o diga esta nossa patria, que, em tempos que ainda não vão longe, se viu feita o ludibrio dos estranhos, pela fraqueza e desconsideração em que a deixaram cair governos fracos e ineptos.

Uma nação, portanto, que assim rompe audaz por toda a sorte de difficuldades, para dar solemne documento do quanto tem a peito avançar no caminho dos progressos humanitarios, adquiriu jus a ser considerada, como n'aquella epocha gloriosa, uma obreira convicta e efficaz da civilisação.

Portugal, pois, reconquistou, por esse simples facto, o seu antigo logar entre as nações mais cultas. E estas hão de se honrar honrando-o e respeitando-o, porque verão na ousadia d'aquelle commettimento o signal evidente de que resurgem entre nós os brios, o vigor e a energia, que são elementos da grandeza e prosperidade dos povos, e que o foram outr'ora do poder e gloria dos portuguezes!

Cremos, por conseguinte, ter demonstrado, apesar da pequenez e mal esboçado do quadro, que não faltam pontos de similhança entre o arrojo que produziu a descoberta da India, e o pensamento e esforço que deram origem á exposição internacional portugueza. A historia geral da civilisação não concederá a estes, sem dúvida, o mesmo logar honorifico que deu áquelle; mas ha de registal-os como titulos mui singulares da energia e illustração de um povo. E os annaes de Portugal consignar-lhes-hão uma parte distinctissima no capitulo consagrado á sua regeneração moral e physica, e á sua resurreição como potencia respeitada.

Honra, pois, e gloria aos auctores da exposição e á cidade invicta que lhe serviu de theatro.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

I

Se se abrir na letra S o *Diccionario Geographico* de Madoz, ou outro qualquer, encontra-se um pequeno artigo, que, pouco mais ou menos, diz o seguinte:

«S..., concelho das Encartações de Biscaya, comarca de Valmaseda, com trezentos habitantes, e uma egreja parochial dedicada a S. Fulano. Dista de Bilbao cinco legoas, e sessenta e cinco de Madrid.»

Eis todas as noticias geographicas, historicas, estatisticas, etc., que se encontram nos livros ácerca do pequeno torrão do mundo de que vamos fallar.

Mas como o concelho de S... me interessa alguma coisa mais que aos auctores dos diccionarios geographicos e historicos, vou supprir o desdenhoso laconismo d'estes senhores.

O concelho de S... não tem, com effeito, grandes titulos á attenção do viajante, e, principalmente, se o viajante é despreoccupado.

A sua egreja é boa para glorificar e pedir consolação a Deus; mas... os habitantes do concelho são-lhe mui affeiçoados; e querem saber por quê? Porque, segundo affirmam, os seus antepassados a construiram amassando com o suor de seu rosto a cal d'aquellas paredes; porque estão alli enterradas as pessoas pelas quaes rezam e choram todos os dias; porque alli receberam elles a agua do baptismo; porque alli se uniram para sempre com a companheira de suas alegrias e tristezas; porque alli imploram do Todo-Poderoso consolação para as suas atribulações; e porque alli a palavra do sacerdote os induz, e induz tambem seus filhos, a amar e respeitar os paes, a desprezar o vicio e adorar a virtude.

Viu-se porventura simplicidade egual? Pois a dos taes aldeões vae mais longe.

Quando os sonoros sinos do alvo campanario da egreja parochial de S... repicam á festa, e quando, ao entrarem para a missa, se lhes deparam os altares ornados com ramalhetes de rosas e cravos, e o pavimento alcatifado com rosmaninho e espadanas, aquelles tontos choram de alegria, e julgam-se felizes com a sua pobreza, a sua egreja e a sua aldeia, quasi esquecidas dos geographos.

Não é verdade que os francezes tem razão quando dizem que a Africa principia nos Pyreneos?

S... tem um rio; mas apenas está indicado nos mappas, nem os poetas lhe tem chamado pae, nem disseram que elle serpenteava, nem que fallava d'este ou d'aquelle modo: é um rio tão simplorio, que se contenta com estar sempre limpido e fresco; com crear trutas e enguias para engordar aquelles barbaros; com dar movimento ao moinho que provê de farinhas aquel-

les selvagens, e á ferraria que dá trabalho áquelles hotentotes, quando as tempestades não lhes permittem trabalhar nas herdades; e conservar sempre louçãs e verdejantes as quintas e hortas, que fornecem grãos, fructos, hortaliças e flores áquelles rusticos.

Embora pareça incrivel em um seculo tão civilisado como o nosso, similhante rio tambem encanta os aldeões de S...

Occorre-me agora uma coisa. Lista, que, se mal me recordo, andou por alli *in illo tempore*, costumava invejar a felicidade do que nunca víra outro rio senão o da sua patria. Que valor tem que o tal Lista fizesse acreditar esta e outras tontices aos filhos das Encartações?

Nenhum. Pois aquelles já eram tontos havia muitos seculos: quando se chamavam cantabros e pelejavam com os romanos, se acaso ficavam prisioneiros, para não beijar a sandalia dos Cesares, preferiam morrer na cruz entoando hymnos á liberdade e á patria.

Que parece isto? Asseguro-vos, leitor, que estou envergonhado de ter nascido em uma terra onde taes coisas se passam desde os tempos del-rei Perico.

Mas ainda falta o melhor.

As preciosidades historicas e monumentaes do concelho de S... são as seguintes:

Um castanheiro, que João plantou no dia em que lhe nasceu o filho Pedro;

Uma roseira, que Theresa plantou uma vez que seu filho adoecêra, offerecendo á Virgem Mãe de Deus ornar-lhe o altar com todas as rosas que fosse produzindo se o rapaz melhorasse, como effectivamente melhorou;

Um rotulo que ha na ponte, commemorando que no dia tantos de tal mez e de tal anno, Fulano se lançára ao rio, e com risco da propria vida salvára Sicrano;

E uma ermida de S. Roque, mais velha que Mathusalém, a qual os habitantes da aldeia respeitam muito, pois acreditam que o santo que se venera n'ella livrou de uma peste o concelho nos tempos de Mari-Castaña.

Dir-se-ha que João plantaria o castanheiro para que désse castanhas, e não para conservar memoria do nascimento de seu filho Pedro;

Que o pequeno da Theresa não morreria porque não morre coisa má;

Que Fulano se lançaria ao rio porque fazia calor;

E que o concelho se livraria da peste porque refrescaria o tempo.

É claro; seria isso. Mas aquelles simplorios aldeões é que não o acreditam.

Ainda ha mais.

As casas da aldeia são detestaveis... são grandes, saudaveis e limpas. E dizem os moradores que não as trocariam pelo palacio do *americano* que está no melhor sitio do valle, e é magnifico; e quer saber o leitor em que se fundam? Vae rir-se da resposta. Fundam-se em que n'ellas nasceram e morreram seus paes, e em que n'ellas nasceram e se crearam elles.

Riu? pois oiça o resto.

O parocho da aldeia é um velho que não lê jornaes politicos, nem conhece Proudhon, nem Fourier, nem saudou os philosophos allemães; que não comprehende a philanthropia ingleza; que zomba dos catões americanos e dos regeneradores europeus; que sabe de cór todas as velharias da Biblia; que arruina o taverneiro da aldeia aconselhando os visinhos que não se divirtam na taverna; que, com os seus sermões, conseguiu que o amor seja em S... a coisa mais insipida do mundo, pois os maridos morrem pelas mulheres e as mulheres pelos maridos, e os noivos conservam-se fieis ás noivas; que, á força de repetir que o trabalho é bom para o corpo e para a alma, conseguiu que todos trabalhem no dia de trabalho; que, com a sua eterna prégação de que o jogo é o peior de todos os vicios, conseguiu que nem no dia de trabalho nem no dia de festa se encontre na aldeia com quem jogar o pião; e, por ultimo, que, com os seus conselhos, alcançou que aquelles simplorios exclamem quando lhes acontece alguma desgraça: «Deus o quiz... faça-se, portanto, a sua vontade!» e fiquem tão consolados como se tal desgraça não lhes succedesse.

O alcaide do conselho é um parvo, que leva a sua parvoice ao ponto de medir com a mesma vara os parentes e estranhos quando commettem alguma falta; que incorre na grosseria de recusar os brindes que intentam fazer-lhe os habitantes que tem processos pendentes da sua auctoridade; e que, quando o municipio não tem fundos para attender ás calamidades publicas, vende, ainda que seja a propria camisa, para as remediar.

Pois fique sabendo, leitor, que os habitantes de S... curvam humildemente a cabeça ante um parocho e um alcaide taes, e seriam capazes de dar a alma e a vida por elles.

Mas deixemo-nos de individuos tão rusticos com a consolação de que um sol mais civilisador os aquecerá em breve, e vejâmos se em S... ha algum habitante mais em harmonia com o espirito do seculo.

II

Que ramalhete de rosas e cravos me poisou no hombro?

—Ah! és tu? Que pretendes aqui?

—Ler por cima do teu hombro o que vaes escrevendo.

—E que te parece?

—Mal, muito mal.

—Agradecido pela lisonja! E por que não gostas?

—Porque não me agrada a ironia.

—Bem usada é um genero que...

—Um genero que fere, que damnifica, que tu não podes cultivar.

—E por que não posso?

—Porque não tens fel na alma.

—A esse respeito, não fallemos. Passam-se coisas no mundo que na alma das pombas produzirão fel e vinagre.

—Apesar d'isso, o mundo é formoso, como são bellas as rosas apesar dos espinhos.

—Tens razão: o mundo é formoso para os que não nos julgâmos desterrados n'elle.

Passemos pelo mundo derramando bençãos sobre cada flor e cada espinho que se nos depare em nossa passagem.

Quando, terminada a nossa viagem, tornarmos ao seio de Deus, ser-nos-hão abertas as portas do paraiso se podermos dizer: «Fizemos nobremente a jornada. Os habitantes da terra choram a nossa ausencia, porque semeámos bençãos pelo caminho!»

É verdade: a ironia é indigna das almas que não tem fel.

Não quero escrever para um leitor despreoccupado, porque não me comprehenderá. Sou pobre de espirito e rico de coração, e por isso escrevo só para os pobres de espirito e ricos de coração.

Virgem de olhos azues e rosto de açucena e rosa! a ti me dirigirei tambem, porque tu me comprehendes. Tens razão: o mundo é formoso para os que não nos julgâmos desterrados n'elle.

Has de saber que Theresa, aquella que plantou a roseira em S..., offerecendo á Virgem todas as rosas que produzisse, se melhorasse o filhinho de uma grave enfermidade, perdeu o marido, João, aquelle que plantou uma arvore em memoria do nascimento de seu filho Pedro.

Era ainda muito novo Pedro quando seu pae falleceu, e a pobre Theresa encontrou-se no mundo sem protecção.

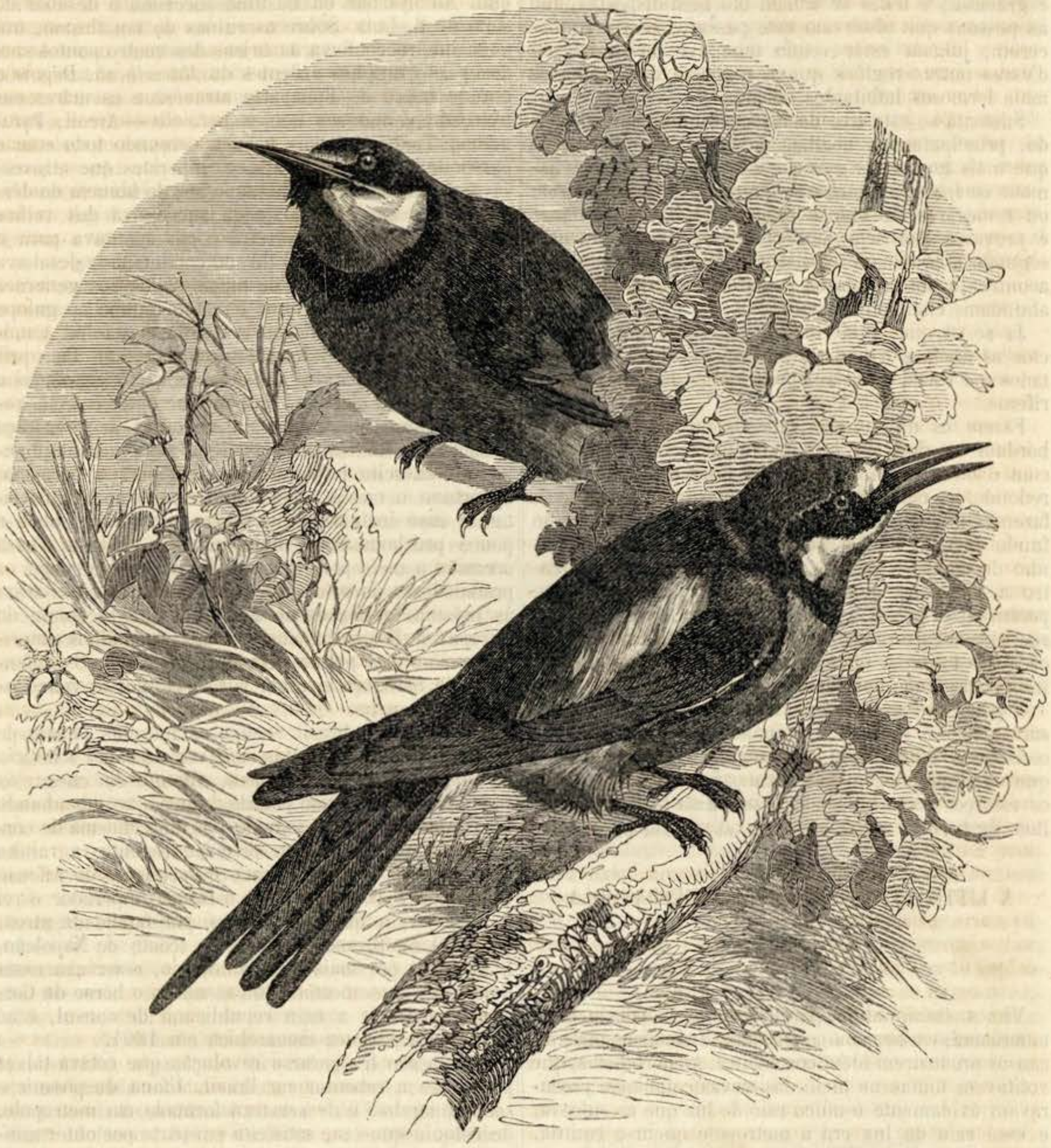
Como aquelles pobres aldeões tem o costume de implorar o amparo dos habitantes do ceo em todas as suas tribulações, Theresa lembrou-se da mãe de Deus quando se achava mais desconsolada.

(Continua)

MILHAROZ

O passaro de mais lindas côres que ha em o nosso paiz é, sem questão, o *milharoz*.

Pertence ao genero designado na linguagem scientifica pelo nome de *merops*. Comprehende este genero algumas variedades, das quaes apenas uma é indigena dos paizes temperados da Europa. Esta, que é a de que nos vamos occupar, habita nas provincias do sul de Portugal, da Hespanha e da França, na Italia, na Grecia, etc. As outras especies vivem nas regiões quentes da Asia, na Africa e na Oceania; encontrando-se em maior abundancia no Senegal, no Cabo da Boa Esperança, em Madagascar, na India, na ilha de Java, nas Molucas e nas Filippinas. N'esta partilha não foi contemplada a America.



Milharoz

O milharoz da Europa, *merops apiaster*, é do tamanho, pouco mais ou menos, de um melro; porém com o corpo mais delgado e esbelto, o que o faria sobresair em elegancia a este ultimo se não tivera as pernas tão curtas. No que leva, porém, immensa vantagem ao melro, e a todos os mais passaros europeus, é no matiz e viveza das côres de toda a sua plumagem.

A parte superior da cabeça é côr de castanha avelludada, passando a um lindo verde-azul, junto do bico, e a um castanho claro, quasi côr de canella, sobre o corpo, a qual se vae mudando em amelada até acabar em um bonito amarello junto á origem da cauda. Esta é longa, airosa, e toda verde-escuro. O bico é grosso na base, longo e agudo na extremidade. Os olhos, cujo iris é carmesim, brilham no meio de uma mancha preta, que é cercada da côr de castanha que

lhe cobre a cabeça; mas logo abaixo se transforma esta modesta plumagem na mais brilhante côr de canario, que lhe tinge toda a parte inferior do pescoço até a um meio collar negro, que a separa de um verde-azul mui claro e vivo, que lhe veste todo o peito e a parte inferior do corpo. As azas são, em fim, de um verde-escuro que faz realçar a viveza e brilho das outras côres.

Não ha, pois, n'esta ave uma côr que não seja linda e graciosa; e todas se acham tão bem dispostas, que as pessoas que observam este passaro, sem o conhecerem, julgam estar vendo uma ave do Brasil, ou d'essas outras regiões que a natureza dotou com os mais formosos habitantes do ar.

Sustenta-se esta ave de insectos, que apanha voando, principalmente abelhas e vespas, que são os de que mais gosta. Por causa d'esta predilecção lhe chamam os francezes *guépier*, querendo dizer *vespeiros*, ou *comedores* de vespas *(guêpes)*. Em o nosso paiz é provavel que seja conhecido com diversos nomes, segundo a provincia ou districto em que habita, como acontece a outros muitos passaros. No Ribatejo, onde abundam, chamam-lhe *milharoz*.

Já se vê que, preferindo a quaesquer outros insectos as abelhas e vespas, buscam os logares frequentados por estas, que são aquelles onde ha plantas odoriferas.

Fazem os ninhos nos vallados ou ribanceiras que bordam os rios, ou proximo d'elles. Com os pés e com o bico abrem na terra um buraco perfeitamente redondo, e, continuando com a mesma operação, vão fazendo um canal obliquo, bastantemente longo, no fundo do qual, em espaço mais amplo, formam o ninho de musgo e pennas. Cada postura varia de quatro a sete ovos, eguaes no tamanho aos dos melros, porém mais sobre o comprido, e tão alvos e lustrosos, que esta circunstancia os faz notaveis nas collecções dos museus, onde sobresaem a todos os das aves indigenas, que mais dão na vista por sua brancura.

É pena que se não possa domesticar tão lindos passaros. Não é sómente na qualidade do sustento que consiste a difficuldade. Por mais cuidado e desvelo que se empregue em lh'o alcançar e ministrar, todos os esforços serão baldados. A perda da liberdade traz-lhes de perto a morte.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A LITTERATURA NA AMERICA HESPANHOLA

(Vid. pag. 331)

IV

Vimos caminharem parallelamente a poesia luso-americana, e a hespano-americana, e vimos as mesmas causas produzirem identicos effeitos. As borboletas, que volitavam tontas no meio das trevas coloniaes, procuravam ávidamente o unico raio de luz que as sulcava, e esse raio de luz era a metropole quem o emittia. Tal estado não podia por muito tempo durar; era impossivel consentir-se este crime de lesa-humanidade que perpetravam duas nações, isolando do resto do mundo esses povos que assim chegavam á virilidade, sem terem saído nunca do ambito perfumado e ridente d'esse gyneceu mysterioso que se chamava America. A explosão era facil de prever: aos primeiros lampejos que chispasse na Europa o gladio das grandes luctas, e cujo reflexo atravessasse o Oceano, esses Achilles americanos, revestidos pelas metropoles de trajos feminis, sentiriam o impeto guerreiro que lhes revelasse a sua força e os seus direitos.

Foi o que succedeu; travou-se na Europa o prelio gigante em que as novas idéas derrubaram e aluiram o castello roqueiro onde se abrigavam as idéas velhas e gastas, que por tanto tempo haviam dominado o mundo. Assustados por esse estrondo da quéda da Bastilha, os governos que possuiam colonias redobraram de precauções para que nem um echo d'esse baque fosse repercutir nas plagas americanas. Comtudo, o debil som que atravessou os mares, por muito frouxo que fosse, foi o bastante para que a America se erguesse a meio do seu leito de palmares, e prestasse o ouvido a esse hymno distante de alvorada. Foi-se espalhando e augmentando esse troar longinquo. Ao desabar da Bastilha succedeu o desabar do solio de S. Luiz. Sobre as ruinas de um throno, um povo inteiro confiava ás brisas dos quatro pontos cardeaes as estrophes ardentes da *Marselheza*. Depois o grande nome de Bonaparte atravessou os mares entrelaçado com esses nomes heroicos — Arcoli, Pyramides, Thabor. Depois tremeu o mundo todo com o passo de carga dos batalhões imperiaes que atravessavam a Europa seguindo os passos do homem do destino. Logo se ouviu a quéda successiva dos velhos solios europeus. O guerreiro corso apontava para o throno condemnado, e o throno condemnado desabava no abysmo, ou servia de macio sophá aos generaes fatigados de atravessarem o velho mundo ao galope dos seus cavallos. Chegou a vez da Hespanha. A monarchia de Carlos V teve a sorte commum. Pela primeira vez as colonias americanas eram chamadas a decidir do seu destino. Tinham que optar entre o velho rei preso em Compiègne, e o rei de nova raça apoiado em Madrid nas bayonetas sempre triumphantes do exercito imperial. Era tentadora a occasião, opportuno o ensejo. As colonias americanas aproveitaram esse instante de desafogo, e foram a pouco e pouco proclamando-se independentes. Estava n'essa occasião a metropole luctando heroicamente contra os profanadores do solo sagrado da patria. Aproveitaram ás colonias as lições de heroismo que recebiam da Europa. A Hespanha ensinou aos seus filhos americanos como se pugna pela independencia. Os defensores de Saragoça tiveram por discipulos os vencedores de Ayacucho.

Entretanto, o Brasil seguia as mesmas phases de curiosidade e espera. Mas, em vez de saber a noticia da quéda do throno europeu, viu um dia chegar ás suas praias um homem pallido de susto, acompanhando uma mulher louca e seguido por uma chusma de cortezãos trementes. Era o principe regente, a rainha e a corte de Portugal. Era o descendente de Affonso Henriques e D. João I, era o futuro imperador e rei D. João VI, a quem o destino, por fatalidade atroz, collocára no throno lusitano em frente de Napoleão, e a quem, por mais atroz zombaria, reservava esses dois titulos, os mesmos que assumíra o heroe da Corsega, ao despir a toga republicana de consul, e ao envergar a purpura monarchica em 1804.

Este acaso fez parar a revolução que estava talvez já prestes a rebentar no Brasil. Ufana de possuir o seu monarcha, e de ser transformada em metropole, de colonia que era, satisfeita em parte por obter muitas concessões que o governo se via obrigado a fazer-lhe, para seu proprio beneficio, logo que a escolhêra para sua residencia, a terra de Cabral não pensou em seguir o exemplo das suas visinhas hespanholas, e suspendeu por alguns annos a catastrophe que mais tarde ou mais cedo tinha de succeder.

Sabemos a fórma por que succedeu, mas, como não é intenção nossa tratarmos do Brasil, mas sim da America Hespanhola, vejâmos a influencia que exerceu essa nova era de liberdade na sua litteratura.

V

Quem poderá descrever o espectaculo sublime d'esse mundo immenso acordando de subito do lethargo em que jazia, e vendo o sol do progresso já alto no hori-

sonte, vendo a luz da civilisação a inundar o firmamento? A princeza, adormecida na selva encantada, acordava depois do seu somno secular, e relanceava em torno de si os olhos deslumbrados. A Venus formosissima surgia das ondas do Pacifico, e, meio recostada na rosea concha Acidalia, mirava attonita os esplendores que a cercavam. A Eva gentil, que, vivendo no paraiso dos tropicos, por tanto tempo namorára o fructo prohibido do contacto com os europeus, cravava os dentes sequiosa n'esse aureo pomo, cuja conquista lhe fôra até ahi vedada, e nos primeiros tempos nem lhe sentia as amarguras, nem as cinzas que escondia por baixo da polpa carnuda. N'esse momento foi bella de contemplar a America! bella como é bella a educanda ingenua, que, ao sair do convento recatado, contempla pela primeira vez os encantos d'esse mundo que anciosamente cubiçou conhecer. E a Hespanha sinistra, escondida outra vez á sombra da arvore do despotismo, parecia a regente decrépita, egoista e torturadora que mira com os olhos ferozes a preza que lhe escapa.

Mal o passarinho recobra a liberdade, sacode as azas e canta. Assim a America sentiu a precisão irresistivel de ter uma litteratura. Os poetas vieram em bandos á luz do dia, empunhando a lyra harmoniosa, em cujas cordas procuravam os sons que deviam traduzir melhor o jubilo immenso do seu paiz. N'essa epocha operava-se na Europa a revolução romantica, filha da revolução politica. Os povos procuravam no seu passado, nas suas glorias, nas suas lendas e nos sentimentos nacionaes, a nova Castalia de nova inspiração. Parecia que a America devia seguir o exemplo, e intentar tambem uma revolução nacional. Mas como? As litteraturas não brotam já feitas e completas da fronte dos poetas, como a antiga Minerva da fronte de Jupiter. Ligam-se umas ás outras por uma corrente, ás vezes invisivel, mas que logo se descobre se se procurar com attenção. Estes volcões litterarios, que nos espantam pelo fervor com que irrompem, pela novidade das suas labaredas, não brotam subita e espontaneamente. São sempre o resultado do vagaroso progredir dos seculos. Quando chega a occasião marcada pela Providencia, abre-se a cratéra e golpham as chammas. Como esses grandes cataclysmos, que fazem brotar volcões inesperados no sitio onde se estendia havia pouco o mar liso e plano, são consequencias das commoções latentes, das agitações submarinhas, assim os volcões politicos, assim os volcões litterarios são resultado das agitações surdas que se escondem por baixo da camada tranquilla politica ou litteraria, agitações que as chronicas não revelam, mas que a historia philosophica facilmente descobre.

Não seria difficil seguir a evolução mysteriosa que, por baixo da camada do classicismo monotono, fez a final rebentar a explosão da moderna poesia. Filia-se esta no grande movimento da renascença, combinado com a poesia legendaria e popular; dá-lhe esta a idéa, aquella a fórma. Assim tambem a revolução politica não é mais do que a continuação do movimento antifeudal do seculo XVI, o cumprimento das promessas feitas pelos reis aos povos, cumprimento reclamado imperiosamente pela grande voz da Assembléa Constituinte de 1789.

Não podia acontecer o mesmo na America Hespanhola. Alli não havia tradição, não havia poesia popular, não havia poesia nacional. A inquisição tinha posto boa ordem em tudo isso. Poesia creoula ainda não brotára, poesia india fôra proscripta pelos hespanhoes. No Perú, onde a civilisação anterior á conquista fizera progredir bastante a litteratura, foram com todo o cuidado queimados esses curiosos monumentos, e os poucos que ainda restavam foram destruidos em 1710, depois de uma grande revolta dos indios commandados por um Tupac-Amaru, que era ou se dizia descendente dos incas peruvianos. A pouquissima poesia popular que existia refugiava-se nas immensas solidões columbianas, ou nos vastos rios do continente da America meridional. Os *llaneros*, percorrendo ao galope dos seus cavallos selvagens os amplos desertos onde ninguem lhes impunha a lei, e d'onde depois haviam de sair commandados por Paez, para pôrem ao serviço da independencia a sua lança robusta, e a coragem indomavel d'esses cossacos americanos, os *llaneros*, pois, confiavam á brisa do ermo as canções que lhes segredava a musa d'essa natureza virgem e férvida, canções que se intitulavam *galerones*. Os barqueiros peruvianos, deitados no seu bote, ouvindo marulhar no costado do barco as ondas preguiçosas do Pacifico, mirando esse ceo tão limpido e tão azul, bordado de tão farto matiz de estrellas, ou navegando n'esses rios gigantes, onde a canôa sulca a immensidade das aguas fluviaes entre a immensidade das selvas, entoavam os enamorados *yaravis*, onde, entre a ingenuidade do pensamento e o mal expresso da idéa, se sente, comtudo, um colorido original e fervente.

Traduziremos dois:

Passarinho verde,
teu peito encarnado,
mysterios revela,
tu és namorado.

Até entre as flores
se póde notar
que aromas tributam
a quem sabe amar.

Isto, comtudo, não era sufficiente para formar uma litteratura. Não nos admira, pois, que os poetas americanos fitassem os olhos na Europa, e seguissem o movimento de que por tanto tempo haviam estado privados. Já Madrid, um dos fundadores da republica granadina, traduzíra os *Tres Reinos da Natureza*, de Delille, quando o romantismo invadiu a America. A nova eschola, com todas as suas boas qualidades e com todos os seus defeitos, exerceu amplo dominio na litteratura hispano-americana. As obras de Victor Hugo produziram um verdadeiro delirio, e um poeta entre todos notavel, Lozano, soube conquistar n'esse genero uma brilhante reputação.

E é effectivamente um grande poeta. Antes de publicar os seus *Cantos da Patria*, que revelam uma nova phase do seu talento, Lozano estreiou-se esplendidamente com diversas poesias, entre as quaes avulta a que é dirigida a Napoleão. Sente-se n'ella o ardor, a vehemencia que prognosticava já que a poesia americana ia ter magnificos destinos.

Eis como ella principia:

Aguia dos ermos, filha da procella,
    esplendido cometa,
que dos evos sem fim no ceo te prendes,
    tu que o lago do olvido
com teu regio fulgor illuminaste,
    deus que do throno olympico
baqueaste pelo raio fulminado,
    quem as palavras ultimas
te pôde ouvir dos labios moribundos?

Não foram as pyramides, que, ouvindo
    o estrondo dos teus passos,
curvaram com respeito a fronte adusta;
    nem as aguas do Nilo,
que espelharam teu vulto, e que repetem
    ainda hoje o teu nome;

nem as vastas cidades que incenderam
as torres e os palacios
para serem os fachos da tua noite!
Quem foi então?... Silencio!
A lingua hesita, freme, balbucia,
murmura: «Oceano e fraga»!
A terra, o mar e os ceos estreito espaço
foram para o gigante!
Dos paços imperiaes o tecto esplendido
foi o ceo sem limites!
Foram-te os soes diadema, e vasto leito
o polo diamantino.
Titão da Europa, campeando altivo
n'um acervo de thronos,
por tumulo tiveste... quem o crêra?
de Santa Helena as rochas.

Através dos defeitos da traducção podem os leitores ver o fogo de linguagem e a alteza de pensamentos, que revelam um grande poeta. Mas poesias assim não bastam para fundar uma litteratura nova e original. Poesias assim escreveram-n'as tambem os grandes poetas brasileiros. Se as republicas hispano-americanas ficassem no estado mais ou menos tranquillo em que ficou o Brasil, era natural que a litteratura fosse seguindo esse trilho; mas não succedeu assim. As paixões politicas vieram exaltar o animo dos poetas. A proscripção, a lucta sanguinea, o clarão do incendio nocturno, todos os horrores da guerra civil, nos quaes os membros da phalange litteraria figuravam como actores, retemperaram a sua alma, robusteceram-lhes, em vez de lhes afrouxarem, o amor da patria, e, obrigando-os, não a procurarem a inspiração, mas a receberem-n'a como lh'a segredavam a ira contra os que dilaceravam a liberdade, as tristezas do exilio, os extases perante essa formosa terra devastada pelas tormentas partidarias, os devaneios queridos de um futuro risonho que se lhes entremostrava á phantasia por entre as brumas do presente, fizeram com que a poesia hispano-americana despregasse as suas proprias azas e se engolphasse, com um grito de enthusiasmo no seu esplendido ceo.

VI

As grandes epochas da poesia tem tido sempre a sua origem nos infortunios e nas agitações dos povos. As grandes obras da poesia hellenica são bafejadas pelo sopro da guerra do Peloponeso. É a aragem do exilio quem desfere as cordas da harpa dos prophetas, e, se me contrariarem a theoria apontando-me o exemplo do seculo de Augusto e do seculo de Luiz XIV, dir-lhes-hei que muito myope será quem não vir até nas mansas bucolicas de Virgilio e nas odes regaladas de Horacio o reflexo das chammas em que ardeu a Italia, retalhada pelas guerras civis que precederam a paz octaviana. Esse socego que respiram as eclogas do poeta de Mantua não é a serena e doce tranquillidade d'aquelles a quem a vida correu em ocio ledo, e que só viram sempre em torno de si a paz e a folgança; é o repoiso do homem fatigado de desastres, que aproveita a primeira arvore que se lhe offerece para descançar á sua sombra; é a prostração do naufrago que, sentado na praia, contempla, soltando um suspiro de allivio, a immensidade das ondas, a que por milagre escapou, e cujas fauces espumosas ameaçavam tragal-o. *Dulcia linquimus arva*, diz melancolicamente o Melibeu da primeira ecloga. Soffremos, fomos pungidos por dores atrozes, e a essa influencia devemos a suavissima tristeza das nossas fallas, a doçura inexcedivel do mel virgiliano.

Na era de Luiz XIV talvez não estejamos em tão boas avenças. É possivel que os leitores confundam os primores do artista com os sublimes cantos do poeta, e então considerem naturalmente a epocha dos Racines e dos Boileaus como a edade de oiro da litteratura. Eu não penso egualmente. Admiro Racine, admiro Boileau, mas estou muito longe de os considerar como pertencentes á pleiade d'esses grandes genios que tem o inestimavel condão de commoverem e agitarem o coração da humanidade. Nos dois grandes poetas d'essa era vejo a confirmação da minha theoria. No austero Corneille sinto passar o sopro das revoluções que precederam o reinado de Luiz XIV. No caustico Molière vejo personalisadas as secretas amarguras d'esse reinado á superficie tão esplendido. Vejo o povo que põe a mascara do auctor comico, e se vinga, pela boca do grande homem, das classes superiores que o opprimem, flagellando-lhes os vicios e os ridiculos. Na gargalhada de Sganarello oiço como que o rugido distante do leão de 1792.

Escuso de citar a pleiade brilhantissima, e a litteratura original que devemos á influencia do gigante cataclysmo que rasgou um vortice immenso entre o seculo XVIII e o seculo XIX. Caso seria, pois, para grande espanto se, sendo a America Hespanhola tão fertil em talentos, não brotasse uma valente e original litteratura das discordias, das agitações que a tem constantemente dilacerado.

Assim succedeu, com effeito, e, como nota com muita razão mr. Elisée Reclus, não só a America Hespanhola produziu uma litteratura caracteristica, mas até cada uma das republicas em que se divide apresentou uma litteratura sua com uma indole especial.

Percorramos, pois, de relance, tanto quanto nol-o permittem os estreitos limites que impozemos a este artigo, os differentes paizes em que se fraccionaram as antigas possessões da Hespanha.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

PEIXE FUGIDO PELAS MALHAS DA REDE

Vivia em certa cidade do nosso paiz, que era séde episcopal, um clerigo de bastante intelligencia, e grande sabedor de theologia. N'esse tempo, já muito afastado de nós, andavam muito em voga as palestras sobre assumptos mysticos, e, por conseguinte, as controversias theologicas. O nosso clerigo era um dos mais denodados campeões que ousavam enristar a lança n'esse certamen. Posto que aferrado ás fórmulas syllogisticas de argumentar, orava com eloquencia e discorria com muita agudeza. Tinha, porém, um costume que lançava ás vezes certo ridiculo nos seus discursos; e consistia em empregar a palavra *distingo*, quando ia responder a alguma pergunta ou objecção, embora não viesse a proposito fazer distincções. Dava, pois, motivo este mau costume a que muitas pessoas escarnecessem d'elle. Como frequentasse a miudo o paço do bispo, lembrou-se este prelado de lhe fazer sentir ao vivo os inconvenientes d'aquelle defeito. Combinou para esse fim com outros individuos que compunham a sua sociedade habitual, que apenas o padre entrasse na sala se lhe propozesse uma questão que de fórma alguma admittisse distincções. Ainda bem não estava acabado o accordo, chegou o clerigo, e logo o bispo, voltando-se para elle, lhe diz:

— Vem muito a proposito, pois queremos ouvir o seu parecer ácerca de uma questão em que estamos discorrendo. Um caldo fará quebrar o jejum?

— *Distingo* — respondeu immediatamente o padre; e os circunstantes, sem mais esperar, romperam n'uma grande gargalhada. Porém o padre, sem mostrar a mais leve perturbação, continuou como se o não tivessem interrompido:—*Distingo*, disse; se o caldo for de qualquer portaria de convento, não fará perder o jejum; mas se for da cozinha de v. exc. então posso affirmar que sim.

D'esta vez ficaram logrados o bispo e os seus amigos. O clerigo saíu triumphante como o peixe que sae folgadamente das malhas da rede em que pretenderam colhêl-o.

I. de Vilhena Barbosa.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio